

## DESAFIOS PEDAGÓGICOS NOS PROCESSOS DE ENSINO - APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS COM SÍNDROME DE *DOWN*

Joice Alves dos Santos<sup>1</sup>  
Geilma Silva dos Santos<sup>2</sup>  
Miriam de Souza Santos<sup>3</sup>  
Erica Cristina Almeida<sup>4</sup>  
Edson Alves de Souza<sup>5</sup>

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral investigar e compreender quais as dificuldades de aprendizagem das crianças com Síndrome de *Down* na Educação Infantil. Nossos objetivos específicos são: (i) estudar o conceito, características e história da Síndrome de *Down*; (ii) analisar como os profissionais contribuem para a aprendizagem dessas crianças; e (iii) apresentar e discutir os dados sobre as principais dificuldades de aprendizagem das crianças com Síndrome de *Down* na Educação Infantil. Este trabalho justifica-se por trazer uma reflexão e contribuir como fonte de pesquisa para os alunos do curso de pedagogia. A metodologia de pesquisa é de campo do tipo qualitativa. Nosso referencial teórico se baseia nos ensinamentos de (LIMA, 2016; SILVA, 2002 e DANIELSKI, 2011) que contribuem de forma significativa para a educação desse público. Partimos da hipótese de que a criança com Síndrome de *Down*, mesmo com a alteração genética, quando frequenta a etapa da Educação Infantil, consegue desenvolver-se com mais facilidade, logo, as dificuldades de aprendizagem dessas crianças serão superadas. Os resultados obtidos desse estudo nos mostra uma evolução no desenvolvimento cognitivo desse aluno quando frequenta a etapa da Educação Infantil.

**Palavras-Chave:** Síndrome de *Down*. Dificuldades de Aprendizagem. Educação Infantil. Alteração Genética. O papel do Pedagogo.

### ABSTRACT

This work has the general objective of investigating and understanding the learning difficulties of children with Down syndrome in early childhood education. Our specific objectives are: (i) to study the concept, characteristics and history of Down Syndrome; (ii) analyze how the professionals contribute to the learning of these children; and (iii) to present and discuss data on the main learning difficulties of children with Down syndrome in early childhood education. This work is justified for bringing a reflection and contributing as a source of research for students of the pedagogy course. The research methodology is of a qualitative type. Our theoretical framework is based on the teachings of (LIMA, 2016; SILVA, 2002 and DANIELSKI, 2011) that contribute significantly to the education of this

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia pela FACULDADE SEQUENCIAL - São Paulo – SP. E-mail: joice-09@outlook.com

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia pela FACULDADE SEQUENCIAL – São Paulo – SP. E-mail: geilmasilva28@gmail.com

<sup>3</sup> Graduada em Pedagogia pela FACULDADE SEQUENCIAL – São Paulo - SP. E-mail: souzimiriam587@gmail.com

<sup>4</sup> Mestre em Educação, licenciada em Educação Física, licenciada em Pedagogia, professora universitária. São Paulo – SP. E-mail: ericacristinaalmeida@hotmail.com

<sup>5</sup> Mestre em Ciências Humanas – Universidade de Santo Amaro - UNISA, pós-graduação em Recursos Humanos - FECAP, Administrador de empresas, professor da FACULDADE SEQUENCIAL – São Paulo – SP. E-mail: edsonalves2305@gmail.com

audience. We start from the hypothesis that the child with Down Syndrome, even with the genetic alteration, when he / she attends the stage of Early Childhood Education, manages to develop more easily, therefore, the learning difficulties of these children will be overcome. The results obtained from this study show us an evolution in the cognitive development of this student when he attends the stage of Early Childhood Education.

**Keywords:** Down Syndrome. Learning difficulties. Child education. Genetic alteration. The role of the pedagogue.

## INTRODUÇÃO

Por muitos anos a criança com Síndrome de *Down* era considerada como retardada ou incapaz. Na verdade a Síndrome de *Down* é uma alteração genética facilmente identificada através das características físicas e da dificuldade quanto à oralização nos primeiros anos de vida. A Síndrome de *Down* significa que o bebê tem cromossomos extras em cada um dos seus milhões de células, em vez de ter 46 ele tem 47, há 46 cromossomos em cada célula do nosso corpo, combina-se em 23 pares com membro de cada par doado por um genitor, é o par de cromossomos que determina o sexo da criança. E o desenvolvimento da criança depende da estimulação do local onde ela está inserida e do incentivo das pessoas que estão a sua volta.

Diante do exposto, este estudo tem como problemática a seguinte questão: Quais são as dificuldades de aprendizagem das crianças com Síndrome de *Down* na Educação Infantil? Para responder a tal problemática, este estudo tem como objetivo geral: Investigar e compreender quais as dificuldades de aprendizagem das crianças com Síndrome de *Down* na Educação Infantil. E objetivos específicos: (i) estudar o conceito, características e história da Síndrome de *Down*; (ii) analisar como os profissionais contribuem para a aprendizagem dessas crianças; e (iii) apresentar e discutir os dados sobre as principais dificuldades de aprendizagem das crianças com Síndrome de *Down* na Educação Infantil.

Partimos da ideia que a criança com Síndrome de *Down*, mesmo com a alteração genética, quando frequentar a etapa da Educação Infantil com ajuda do professor, colegas e família consegue desenvolver-se com mais facilidade, logo, as dificuldades de aprendizagem dessas crianças serão superadas. Nosso trabalho se justifica por trazer uma reflexão significativa do nosso tema de pesquisa e trazer um debate significativo para os profissionais da pedagogia, pois segundo pesquisas, a chegada de alunos com Síndrome de *Down* nas escolas tem gerado dúvidas para todos ao longo das décadas.

Nosso referencial teórico se baseia em autores que discutem sobre o assunto (LIMA, 2016) que traz meios para entender e oferecer um melhor processo educacional para as

peças com Síndrome de *Down*; (SILVA, 2002) que aborda a importância da formação e desenvolvimento das crianças com Síndrome de *Down*, e (DANIELSKI, 2011), com apresentação de várias metodologias para essas crianças, entre todos os outros autores que contribuem de forma significativa para realização desse artigo.

Escolhemos o método estudo de campo do tipo qualitativo, com aplicação de questionários para profissionais que trabalham diretamente e indiretamente com alunos com Síndrome de *Down* em escolas de Educação Infantil e consultório especializado em educação especial e posterior análise dos dados, focando nas mensagens subjetivas e, posteriormente, discutindo tais dados com apoio da literatura específica da área.

## **SÍNDROME DE *DOWN* E SUAS DEFINIÇÕES: COM RELAÇÃO AO CONCEITO, CARACTERÍSTICAS E SUA HISTÓRIA**

A Síndrome de *Down* é definida por diferentes autores estudiosos, tanto na área médica quanto na área educacional. A primeira descrição clínica foi feita entre 1864 e 1866, pelo médico inglês John Langdon Haydon Down<sup>6</sup>. Quando trabalhava no hospital John Hopkins em Londres na parte da enfermagem para as pessoas com deficiência intelectual. Quase 100 anos depois, por volta de 1959, alguns colaboradores do médico descobriram a presença do cromossomo 21 nas pessoas e então elas passaram a ser classificadas como Síndrome de *Down* em homenagem ao médico por causa do seu sobrenome Down (DANIELSKI, 2011).

Quando foi feita a primeira avaliação clínica, o médico John Langdon Haydon Down 1866 percebeu que todos os pacientes eram filhos de mães com idade acima dos 35 anos, ou seja, a idade materna da mãe pode influenciar na divisão dos cromossomos, mas até o momento não existe um fato concreto que esse seja o verdadeiro motivo. A idade paterna também pode ser um fato que influencia o aparecimento da síndrome, pois quanto mais tarde homens forem pais, a chance de existir uma alteração cromossômica é evidente, pois os espermatozoides estarão mais envelhecidos.

A Síndrome de *Down* não é uma doença e sim uma alteração genética, produzida pela presença do cromossomo a mais: o par 21 (KOZMA, 2007). Para entender o que causou, é

---

<sup>6</sup> Nasceu em 18 de Novembro de 1828 e faleceu em 7 de Outubro de 1896. Foi um médico inglês pediatra, geneticista e especialista em Síndrome de *Down*, reconhecido pelo extenso trabalho com crianças com deficiência mental.

necessário saber sobre a genética, especialmente sobre genes e cromossomos. Os seres humanos possuem normalmente 46 cromossomos em cada uma das células do seu organismo. Esses cromossomos são recebidos pelas células embrionárias dos pais, no momento da fecundação (KOZMA, 2007). Vinte e três vêm dos espermatozoides fornecidos pelo pai e os outros vinte e três vêm contidos no óvulo da mãe. Juntos eles formam o ovo ou o zigoto, formando o novo organismo. Os cromossomos carregam milhares de genes que determinam todas as nossas características. Esse cromossomo extra aparece no par 21, por isso a Síndrome também é chamada de trissomia 21, acontece de diferentes formas: 21,95% dos casos por disjunção do cromossomo, 4% por translocação, e 1% por mosaicismo (LIMA, 2016).

A palavra síndrome significa: conjunto de sinais e sintomas, e embora as alterações cromossômicas da Síndrome de *Down* sejam comuns a todas as pessoas, nem todas apresentam as mesmas características, nem os mesmos traços físicos, tampouco as más formações. Entre as características físicas associadas à síndrome está os pés e mãos pequenas e largas, cabeça menor do que das outras crianças, olhos puxados distantes um do outro, nariz pequeno com base nasal achatada, boca pequena com céu da boca profundo, orelhas pequenas, excesso de pele na nuca, cabelos liso e ralo, baixa estatura, hipotonia que é a diminuição do tônus muscular e da força, o que causa moleza e flacidez. E seu desenvolvimento físico e mental são mais lentos. A única característica comum a todas as pessoas com Síndrome de *Down* é o déficit intelectual, ou seja, limitações no seu processo de aprendizagem (LUIZ et al, 2008).

Cerca de 50% das crianças com a síndrome apresentam problemas cardíacos, e alguns necessitam de cirurgia nos primeiros anos de vida. A síndrome ocorre em ambos os sexos e é um dos defeitos congênitos mais comuns apresentados em todas as etnias, grupos étnicos, classes socioeconômicas e nacionalidades, mas o desenvolvimento de cada criança com Síndrome de *Down* está relacionado ao estímulo e incentivo que recebem, sobretudo, nos primeiros anos de vida.

## **AS PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM DESSAS CRIANÇAS**

As crianças com Síndrome de *Down* têm a idade cronológica diferente da idade funcional, com isso, as famílias por uma questão de proteção, acabavam deixando seus filhos isolados, fora do convívio das pessoas e quando chegavam à idade escolar sofriam discriminações e muitas vezes não queriam ir à escola. Atualmente as crianças com a

Síndrome de *Down* têm mais chances de frequentar a escola e desenvolver suas habilidades (SILVA, 2002).

No entendimento de Anhão, Pfeifer e Santos (2010) “Se o ambiente for acolhedor e produtivo, a criança com Síndrome de *Down* tenderá a se sentir acolhida e produtiva, em contrapartida, se esse ambiente for discriminatório e improdutivo, ela tenderá a se sentir discriminada e incapaz” (ANHÃO, PFEIFER e SANTOS, 2010, p. 33). Para ter um ambiente acolhedor deve ser equilibrado, com planejamento direcionado com adaptações e de forma facilitada, para proporcionar a criança *Down* momentos prazerosos, podendo assim cumprir suas construções sobre sua realidade. “A criança *Down* apresenta muitas debilidades e limitações, assim o trabalho pedagógico deve primordialmente respeitar o ritmo da criança e propiciar-lhe estimulação adequada para desenvolvimento de suas habilidades” (SILVA, 2002, p.12).

A primeira dificuldade que a criança com Síndrome de *Down* enfrenta é a dúvida que os pais têm em saber o momento certo em incluir a criança na escola de educação infantil, e em perceber a importância da integração entre escola, professores e família. Estudos afirmam que:

A escola e família apresentam papéis complementares no processo de desenvolvimento da criança e, nesse sentido, o apoio e o envolvimento da família na escola podem propiciar à criança com Síndrome de *Down* os avanços necessários ao seu desenvolvimento (SILVA e DESSEN, 2007, p.429).

Compreendemos que a estimulação na primeira fase de vida é de suma importância para o desenvolvimento integral da criança. E minimiza as ocorrências dos *déficits* da aprendizagem. A relação interpessoal e intrapessoal vividas na escola vai além do ato de incluir, consiste em envolver, compreender, participar e aprender, e desta maneira, trazer a criança para o processo da Educação Infantil.

O papel do pedagogo é fundamental no processo de inclusão e isto pode ser melhorado pelas condições das escolas para que sejam de fato, escolas para todos, e que incluam todas as pessoas que aceitem as diferenças que apoiem a aprendizagem e que respondam as necessidades individuais. Entretanto nas questões da inclusão escolar de alunos com Síndrome de *Down*, nas salas de aula integradas, todas as crianças enriquecem-se por terem a oportunidade de aprender umas com as outras.

Pessoas hoje com a Síndrome de *Down* estudam, trabalham, namoram se casam e são capazes de opinar sobre assuntos que estão relacionados no seu dia-a-dia. Por isso, a educação

inclusiva precisa romper esse olhar de inferioridade das pessoas com Síndrome de *Down*. De fato:

A educação é o fator capaz de modificar o déficit social entre as pessoas e de formar indivíduos para atuar socialmente. Porém, ainda há quem pense que a pessoa com deficiência não tem necessidade de aprender, de formação, não precisa se informar. E aqui o professor tem um papel importante para reverter essa visão de incapacidade, olhando esse aluno como qualquer, capaz de aprender, almejando e buscando se profissionalizar, enxergando assim possibilidades de crescimento (SILVA, 2011, p. 131).

Hoje em dia o papel do professor é mais complexo porque vivemos em um tempo de mudanças em que tudo se transforma rapidamente. O professor tem que está em sintonia com o aluno para conseguir estimulá-lo e prestar a atenção nos seus avanços. E todos os profissionais da Educação devem acreditar e contribuir nas possibilidades de sucesso dessas crianças responsabilizando-se pela aprendizagem de cada um, “nessa vertente a concepção de professor é a de um profissional ativo, autônomo, que reflete, analisa e interpreta sua própria prática” (NÓVOA, 1991, P. 13). A inclusão é mais que um modelo, é um novo paradigma de pensamento e de ação no sentido de incluir todos os indivíduos em uma sociedade na qual a diversidade está se tornando mais normal do que exceção.

## **COMPREENDENDO AS PRINCIPAIS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS COM SÍNDROME DE *DOWN* NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DISCUSSÃO DE RESULTADOS**

A seguir apresentaremos e discutiremos os dados de nossa pesquisa de campo com a população de profissionais da educação de São Paulo e a amostra foi constituída de 3 professoras que lecionam em escolas públicas localizadas na Zona Sul próximo ao bairro do Capão Redondo, 2 funcionários da educação que não estão diretamente na sala de aula com as crianças, mas estão participando do dia a dia das mesmas, 1 psicólogo que atende no Hospital das Clínicas e 1 psicopedagoga que leciona em duas faculdades no curso de pedagogia e atua em uma clínica particular na região do Taboão da Serra. As 3 professoras entrevistadas possuem experiência de mais de dez anos na educação, os funcionários com mais de 5 anos, o psicólogo com 8 anos e a psicopedagoga com 21 anos de atuação.

Dividimos os dados por questão respondida do questionário formulado por nós para este estudo. O primeiro questionamento foi se a criança com Síndrome de *Down* se sente diferente na sala de aula. E ao analisar as respostas, os entrevistados concordam que não existe a diferenciação da criança com síndrome de *Down* em sala de aula, e que a interação

acontece normalmente. O que pode acontecer em princípio é uma pequena resistência por parte da criança em interagir com os demais. Diante do olhar dos profissionais multidisciplinares é que a criança com Síndrome de *Down* não percebe a diferença dos outros alunos, que a criança *Down* é muito sociável e interage muito bem com todos. Assim podemos perceber que a criança com Síndrome de *Down* se relaciona de maneira amigável com os demais.

Com relação ao preconceito das outras crianças da sala para com os alunos com Síndrome de *Down*, os profissionais entrevistados afirmaram que não existe preconceito em sala de aula, mas tem curiosidade em saber o porquê a criança com Síndrome de *Down* é diferente. A criança com Síndrome de *Down* é acolhida pela turma de uma maneira significativa sem que haja qualquer tipo de preconceito, criando empatia, buscam maneiras de se comunicar e mesmo com dificuldades querem a todo o momento ajudar nos afazeres. Informam que também não existe preconceito, mas o que pode acontecer é por parte da família pelo fato de não saber lidar com a situação.

Diante isto, entendemos que ninguém nasce com preconceito, é adquirido por uma sociedade que estabelece regras, posturas, ações que devem ser seguidas. Por isso as crianças com síndrome de *Down* antigamente eram isoladas ou superprotegidas pelas famílias. Em razão disso a escola tem a necessidade e urgência de enfrentar o desafio da inclusão social sem qualquer tipo de preconceito, não importam quais dificuldades ou diferenças elas possam ter.

Levantamos ainda quais os principais métodos de ensino utilizado com a criança com Síndrome de *Down*. De acordo com as respostas os métodos de ensino são os mesmos, o que pode mudar são as adequações dependendo da dificuldade da criança. Requer mais atenção, com atividades diferenciadas, dentro do seu tempo e que mais lhe chama atenção, pois o processo de aprendizagem dessas crianças, geralmente é mais lento. Assim “para que o aluno possa sentir-se a vontade, é necessário o professor ter um cuidado maior quando se fala da palavra atenção, pois a criança possui este déficit, demora mais para processar qualquer informação” (ANTUNES, 2017, p. 51).

Dessa forma, entendemos que as propostas são as mesmas, mas aplicadas com metodologias diferenciadas para que se possa compreender melhor o desenvolvimento de cada criança com Síndrome de *Down*. Com uma equipe de multiprofissionais interdisciplinares com metas e objetivos específicos e individualizados para a criança em questão. A importância de um bom planejamento do professor juntamente com a equipe

multidisciplinar especificamente trabalhando em relação às diferenças individuais das crianças com a síndrome levando em consideração os conhecimentos prévios dessas crianças.

A interação da criança com Síndrome de *Down* em relação aos colegas e professores os relatos revelam que é um desafio, mas a partir do momento que a criança adquire confiança, ela se sente segura para interagir com os colegas e professores. Partindo da ideia de que a criança sai da sua zona de conforto, quando não consegue expressar oralmente suas necessidades, a criança *Down* usa a força física com os colegas para chamar a atenção. E tudo vai depender da criação por parte da família, se a família é muito protetora, a criança é mais dependente para realizar qualquer atividade, já se a família permite que a criança se solte, ela é mais independente.

Acredita que a família é um fator determinante para o processo de integração da criança com Síndrome de *Down*: “Justamente pelos profissionais subestimarem a importância da dinâmica familiar é que a inserção social dos deficientes na comunidade, via de regra, não se realiza” (GLAT, 1996, p.113). Contudo, acreditamos que a família tem um papel importante para o desenvolvimento biopsicossocial da criança. Nos é explicado por Lima (2016) que:

A questão da identidade, que é construída a todo tempo, está ligada a grupo de pessoas, ou apenas a outra pessoa, sempre havendo eu e o outro. Pois é juntamente o outro ou as outras pessoas que me auxiliam a ser quem sou e a me ver dessa forma (LIMA, 2016, p. 34).

Assim complementamos que a importância da identidade da criança com Síndrome de *Down* é uma necessidade afetiva, cognitiva, e ativa, é como um selo de personalidade desenvolvida por estímulos provenientes do meio.

O último questionamento foi se consegue perceber a evolução no desenvolvimento e na parte da aprendizagem dessa criança. Foi relatado que existe a evolução e é de suma importância avaliar as dificuldades de aprendizagem de cada criança levando em consideração o que cada um traz na sua bagagem, para que se possa considerar um avanço no desenvolvimento da aprendizagem.

A criança com Síndrome de *Down* geralmente não desenvolve estratégias naturalmente, assim dificulta no processo de aprendizagem. Essa incapacidade de organizar atos cognitivos que está relacionada com o processo de adquirir o conhecimento, portanto envolve fatores como o pensamento, a linguagem, a percepção, a memória, o raciocínio etc., que fazem parte do desenvolvimento intelectual e condutas, ou seja, comportamentos mais simples. Geralmente não consegue resolver problemas e encontrar soluções sozinhas por ter o



comprometimento na cognição. Essas dificuldades apresentadas coincidem por que as imaturidades nervosas podem dificultar as funções mentais (SILVA, 2002).

Depreendemos que a criança com Síndrome de *Down* tem um atraso intelectual devido à má formação congênita e isso compromete o desenvolvimento cognitivo, mas não quer dizer que ela não possa aprender. Observa-se que as dificuldades de aprendizagem das crianças com Síndrome de *Down* na Educação Infantil existem, mas apresentam possibilidades de desenvolver atividades diárias a partir das experiências da própria criança, promover o desenvolvimento global das crianças com Síndrome de *Down*, que necessitam de atendimento especializado, respeitando as diferenças individuais, assegurando os direitos básicos de cidadão.

O professor deve valorizar as relações afetivas e permanecerem atentos na metodologia, procedimentos pedagógicos, materiais e equipamentos conforme as necessidades educacionais, fazendo com que o aluno tenha autonomia para desenvolver suas habilidades tornando-se assim um ser crítico capaz de enfrentar a vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho entendemos a história da criança com Síndrome de *Down*, a descoberta que não se trata de doença e sim de uma alteração genética, produzida pela presença do cromossomo a mais: o par 21. Aprofundamos o entendimento da trissomia 21 com suas características. Também em relação à questão social, entendemos que as crianças com Síndrome de *Down* têm a idade cronológica diferente da idade funcional, e a estimulação na primeira fase de vida é de suma importância para o desenvolvimento integral da criança, assim minimiza as ocorrências dos déficits da aprendizagem. Aprendemos também, que a capacitação dos professores é importante no processo de inclusão escolar de alunos com Síndrome de *Down* na Educação Infantil.

Compreendemos como a criança *Down* se sente na sala de aula, como demonstra o seu relacionamento com os demais e que por sua vez não tem preconceito com as crianças com Síndrome de *Down*. Que as propostas são as mesmas, mas aplicadas com metodologias diferenciadas para que se possa compreender melhor o desenvolvimento de cada criança com Síndrome de *Down*. E a importância de um bom planejamento do professor juntamente com a equipe multidisciplinar especificamente trabalhando em relação às diferenças individuais das crianças com síndrome de *Down* levando em consideração os conhecimentos prévios, sempre deixando o educando confortável, para que e assim ela consiga interagir.

Analisamos e refletimos sobre um fator determinante para o processo de integração da criança com Síndrome de *Down* que é a família, que tem um papel primordial para o desenvolvimento biopsicossocial dessa criança. E ainda na interação entre alunos e professores, e é através dessa interação que os profissionais conseguem perceber a evolução do desenvolvimento do ensino-aprendizagem da criança *Down*. Dessa maneira, com este estudo entendemos que o primeiro conflito que a criança com Síndrome de *Down* pode enfrentar é a incerteza que os pais têm em saber o momento em incluir a criança na escola, e em perceber a importância da etapa básica da educação que é a Educação Infantil.

E conforme a teoria e a prática, geralmente as crianças com Síndrome de *Down* não desenvolvem estratégias naturalmente, assim dificulta no processo de aprendizagem, essa incapacidade de organizar atos cognitivos que está relacionada com o processo de adquirir o conhecimento, e geralmente não consegue resolver problemas ou encontrar soluções sozinhas por apresentar esse comprometimento. Essas dificuldades apresentadas coincidem por que as imaturidades nervosas podem dificultar as funções mentais. Justamente por ter comprometimento na cognição, a Educação Infantil é um ciclo importante para o desenvolvimento integral dessas crianças, com o processo de interação a aprendizagem e o desenvolvimento das funções psicológicas vão se constituindo nos processos de ensino e aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

ANHÃO, Patrícia; PFEIFER, Luzia; SANTOS, Jair. **Interação social de crianças com Síndrome de *Down* na educação infantil**. Marília: Revista Brasileira de Educação Especial, 2010.

ANTUNES, Maria de Fatima. **EDUCAÇÃO INCLUSIVA: Inclusão da criança com a Síndrome de *Down* na escola regular**. Alta Floresta: REFAF – Revista Eletrônica da Faculdade de Direito de Alta Floresta, 2017.

DANIELSKI, Vanderlei. **Síndrome de *Down*: Uma contribuição à habilitação da criança *Down***. São Paulo: Ave Maria, 2011.

GLAT, Rosana. **O papel da família na integração do portador de deficiência**. Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Educação Especial, 1996.

KOZMA, Chahira. **O que é síndrome de *Down***. In: STRAY-GUNDERSEN, Karen. Crianças com síndrome de *Down*: guia para pais e educadores, 2. ed., Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 15-42.

LIMA, Ana Cristina. **Síndrome de *Down* e as práticas pedagógicas**. Petrópolis: Vozes, 2016.

LUIZ, Flávia Mendonça et al. **A Inclusão da criança com Síndrome de Down na rede regular de ensino: desafios e possibilidades.** Marília: Revista Brasileira de Educação Especial, 2008.

NÓVOA, Antônio. **A formação contínua entre pessoa-professor e a organização escolar.** In: Revista do Instituto de Inovação Educacional – Inovação. Porto, v.4, n.1, 1991.

SILVA, Roberta. **A Educação Especial da Criança com Síndrome de Down.** In.: BELLO, José de Paiva. Pedagogia em Foco. Rio de Janeiro, 2002.

SILVA, Nara & DESSEN, Maria Auxiliadora. **Síndrome de Down: etiologia, caracterização e impacto na família.** Interação em Psicologia, Brasília, jul./dez. 2002, p. 167-176.

SILVA, M. **Educação Inclusiva- um novo Paradigma da Escola.** Revista Lusófona de Educação. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. 2011.